

A ENGENHARIA NAS MISSÕES DE COMBATE

Coronel R. B. NUNES
Da Reserva

As considerações que se seguem foram sugeridas pela leitura do artigo que, sob a mesma epígrafe, um distinto oficial superior da Engenharia publicou no número de maio desta revista.

É coisa sabida que a Engenharia, embora cognominada a "arma do trabalho", coopera com as demais armas, sobretudo com a Infantaria, às quais avoia encarregando-se dos trabalhos que exigem instrução e apetrechamento especializados, em tôdas as circunstâncias do campo de batalha, e executando as missões que lhe são próprias.

Participa dos mesmos riscos, das mesmas fadigas, dos mesmos louros na vitória, e da mesma desgraça na derrota. Cooperar nas vanguardas, para organizar sumariamente certos pontos de aferramento no terreno em benefício delas, se obrigadas a refluir, e garantir a posse desses pontos, quando julgados necessários ao prosseguimento das operações, em proveito dos grossos, como bases de partida; nos ataques a localidades, para encarregar-se de certas destruições, ou para executar trabalhos que as ponham rapidamente em estado de defesa; na exploração do êxito, para recompor as vias de comunicação, depois melhoradas pelos escalões seguintes; nas manobras em retirada, ou na retirada pura e simples, para executar destruições, criar obstáculos e organizar certos pontos capitais do terreno, onde fôr prevista uma parada, etc. Enfim, em tôdas as circunstâncias, para reparar, cons-

truir ou conservar a rede de comunicações da zona de ação da G.U. a que pertencer.

Sem nos referirmos aos trabalhos especificamente próprios da Engenharia, — organização prévia de posições defensivas, pontes de todos os tipos, etc., — a experiência da penúltima grande guerra demonstrou à evidência que para os trabalhos de comunicações nunca houve tropas de Engenharia de sobra. Que diremos hoje, quando o poder de destruição dos explosivos e dos meios modernos decuplicou?

A Engenharia, quando bem compreendidos e respeitados pelo comando os princípios do seu emprego tático, tem inúmeras oportunidades de cooperar com as demais armas, sem perda de sua personalidade e sem interferir nos domínios que não lhe são próprios. As duas últimas grandes guerras são pródigas em exemplos de seu emprego lógico, e por isso mesmo coroado de êxito, e do seu emprego inadequado, ao qual não faltou a sanção do fracasso (*).

É fato incontestado que uma das lições colhidas nas últimas grandes guerras, é a necessidade, cada vez maior, da especialização das funções, mesmo dentro das armas, como consequência, de um lado, da multiplicação e da complexidade dos petrechos de combate, e de outro, do tempo exíguo de que se dispõe para transformar um civil bisonho num soldado hábil. Isto que se verificou nas armas essencialmente combatentes, é também uma verdade para a Engenharia,

(*) Citados pelo Cel. Baillis no seu livro "Emploi Tactique du Génie", Paris, 1930, no que respeita à guerra de 1914-1918.

"arma do trabalho especializado", da qual já se destacaram as unidades de Transmissões, hoje com individualidade bem definida.

Não se deve depreender daí que o soldado de Engenharia, sapador, pontoneiro ou telegrafista, esteja dispensado de saber empunhar uma arma e dela servir-se (a pistola, o mosquetão, o F.M., a metralhadora, a granada de mão, o morteiro), nos momentos de emergência, nos momentos de crise, quando é preciso lançar mão de todos os recursos disponíveis a fim de enfrentar o *inopinado*, e evitar mal maior. É lógico. E nem se compreenderia que vissemos na zona de operações homens sem essa instrução básica do soldado. Isto é indispensável até aos próprios homens dos Serviços que, como os soldados da Engenharia, devem saber defender-se em marcha, no estacionamento ou nos locais de serviço, quando lhes faltar a proteção da Infantaria, *mòrmente* hoje, em que as forças páraquedistas podem criar situações críticas e inesperadas.

Daí, porém, a concluir-se e prescrever-se nos regulamentos táticos que o soldado de Engenharia deve ser também um soldado de Infantaria, e que as tropas de Engenharia precisam estar *perfeitamente* treinadas no emprêgo do armamento e na *tática de infantaria*, vai um exagêro perigoso, e tanto mais perigoso quanto já existe a tendência para esquecer que as "reservas de trabalho especializado" são tão indispensáveis quanto as reservas de combate, não sendo raros os casos em que certos chefes, não sabendo ou não tendo o que fazer da Engenharia, empregam-na como Infantaria precária e mal armada.

Foi em presença desses exemplos, à luz da experiência colhida na guerra de 1914-1918, que os regulamentos franceses frisaram com insistência que a Engenharia deve poder combater, mas em casos *excepcionais*, que não devem ser exigidos em princípio absoluto, de

vez que ela não é perfeitamente instruída e apetrechada para tal fim.

Esses casos excepcionais são citados e nêles incluídos os "golpes de mão", e em todos êles vê-se que prepondera a *ação defensiva, momentânea, de objetivo limitado*, e parece-nos que mais não se deve exigir de uma tropa de Engenharia.

Esta é, a nosso ver, a sã doutrina baseada na experiência e no bom senso. Não vemos por que abandonarmos a doutrina francesa pela americana. Certamente, teremos muito que aprender com o Exército americano, notadamente no que respeita ao *senso de execução*, por exemplo.

Por certo, seria ideal, como diz o distinto autor do artigo que comentamos, poder comandar: "Companhia de Engenharia, em forma como companhia de Infantaria!" Mas, nesse caso, porque também não comandar: "Regimento de Cavalaria, ou Grupo de Artilharia, em forma como Infantaria?!". Não, evidentemente; a guerra é obra essencialmente de *cooperação*, e quem diz *cooperação*, diz *especialização e repartição das funções*. E quando todos forem capazes de executar bem e em tempo útil o que lhe compete fazer, parece que não se pode exigir mais.

Por isso, não acompanhamos o Ten.-Cel. Dziuban (*) quando diz que: "...na instrução do Btl. de Engenharia, um mais alto grau de proficiência deve ser atingido no preparo para cumprimento das missões de combate do que das de trabalho, por isso que, enquanto as deficiências no treinamento nestas *acarretarão apenas um menor rendimento na sua execução* (o grifo é nesse), o que poderá ser corrigido por um contrôlle maior, sem prejuizos mais sérios, a unidade insufficientemente preparada naquelas, quer individualmente, quer no conjunto, poderá não somente ser dizimada nos seus efetivos, como também, falhar intei-

(*) Citado pelo Ten.-Cel. Ribeiro Paz, em seu artigo.

meios e unidade de missão. Há entre copiar e adaptar a mesma diferença existente entre decorar e compreender. Uma tropa atinge o maior grau de eficiência quando é capaz de obedecer e executar as ordens do comando com a mesma presteza, segurança e perfeição

com que uma orquestra obedece à batuta do regente. Ora, a nenhum diretor de orquestra acudiu a idéia de reforçar a gama de violinos com trombonistas, nem a pancadaria com flautistas. "Chacun à sa place". Daí nasceu a harmonia e a virtuosidade.



Ferragens São Pedro Ltda.
IMPORTADORES

FERRAGENS
FERRAMENTAS
TINTAS

AV. PRES. VARGAS N.º 710
DEP. R. DOS ANDRADAS, 109
FONES: 43-2630 - 43-5205

DEP. 43-9834

Officinas especializadas na execução de quaisquer tipos de chaves
e concertos de fechaduras Yale, tipo Yale, e para automóveis

— RIO DE JANEIRO —

VENDA DE LIVROS

Todo o oficial que não tem outra aspiração que as glórias e os espinhos da carreira que com entusiasmo na juventude abraçou, deve procurar manter-se em dia com a sua evolução.

Atrazar-se é viver desambientado; a desambientação traz o desânimo, a descrença...

Mantenha-se em forma lendo a única revista especialmente militar do Brasil e adquirindo os livros particularmente escolhidos editados por esta Cooperativa e os quais ela lhe oferece com tôdas as facilidades.